



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



FAGNER DE OLIVEIRA GUEDES

**DIFICULDADES E DESAFIOS NOS PROCESSOS DE
ENSINO E APRENDIZAGENS DA ESCRITA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BRASÍLIA DF – 2018

FAGNER DE OLIVEIRA GUEDES

**DIFICULDADES E DESAFIOS NOS PROCESSOS DE
ENSINO E APRENDIZAGENS DA ESCRITA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

BRASÍLIA DF, 2018

GUEDES, Fagner de Oliveira. **Dificuldades e desafios nos processos de ensino e aprendizagens da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.** Brasília-DF. Dezembro de 2018. 71 Páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

UAB- UnB-FE

DIFICULDADES E DESAFIOS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

FAGNER DE OLIVEIRA GUEDES

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Professora Orientadora Ireuda da Costa Mourão

Membros da Banca Examinadora

a) Profa. Dra. Ireuda da Costa Mourão

b) Profa. Ms. Maria Dalvirene Braga, SEDF

Dedico a Dona Ivanda, a primeira que me incentivou a adentrar nessa jornada e acreditou no momento em que até eu duvidei.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que, ao longo da minha vida, sempre me deu forças para seguir em frente, sem dúvidas foi o mestre dos mestres.

Agradeço a todos os professores do curso de pedagogia da UnB que sempre me guiaram nesse percurso.

Agradeço aos professores, José Costa, José Dourado, Gilmaro, Neide Nilson que me acompanharam no Ensino Médio e no curso Técnico.

A minha família agradeço imensamente: a Ildiney, Ilson e Ildildes meus tios que sempre me deram suporte quando necessitava, a Farles meu irmão que sempre me ajudou e especialmente aos meus pais, a Dona Ivanda e senhor Manoel que sempre me ajudaram e me apoiaram nessa jornada.

Agradeço a colega Danila Dourado pela parceria nesse percurso e por todas as vezes que me alertou com os prazos dos trabalhos.

Agradeço a Professora Ana Cristina, pela orientação e pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho e a professora Ireuda, supervisora da disciplina.

Obrigado!

RESUMO

A alfabetização é um processo que possibilita a criança a descobrir um novo mundo, o mundo das palavras, da leitura e da escrita. Mas como acontece em muitos processos de aprendizagem, a alfabetização também apresenta desafios. Este trabalho tem como objetivo discutir sobre os principais problemas e dificuldades, na perspectiva dos professores, sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, especialmente na produção escrita, de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que não consolidaram o processo de alfabetização em uma instituição pública no Município de Malhada fazer uma abordagem sobre dificuldades na alfabetização na visão do professor. Foi observado que muitos alunos chegam ao quinto ano sem ter consolidado o processo de aprendizagem da escrita e leitura, tendo isso em vista, esse estudo foi fundamental para poder compreender a realidade em que se encontra uma escola pública no município de Malhada. Foi utilizado como método de pesquisa a abordagem semiestruturada buscando compreender quais os principais motivos que ocasiona a dificuldade com a alfabetização, e quais poderiam ser as ações para amenizar tais dificuldades. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano 2018. Entrevistamos uma coordenadora, uma professora e a diretora da instituição. Foi vivenciado que a família vem se abdicando do seu papel, passando a responsabilidade de educar seus filhos para a escola. O estudo deixa claro a importância da família no processo ensino-aprendizagem, destacando a necessidade de a instituição manter uma gestão participativa e democrática, onde professores, coordenadores, gestor e a família se juntam em prol de um mesmo objetivo, melhorar a educação.

Palavras-chave: Alfabetização; Anos iniciais; Ensino; Aprendizagem.

SUMÁRIO

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO.....	09
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO.....	19
1 – INTRODUÇÃO.....	20
2 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
SUBTÍTULO I – Os métodos de alfabetização e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem	25
SUBTÍTULO II - A produção escrita como eixo do ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental.....	28
SUBTÍTULO III – Os ciclos de aprendizagem e uma nova concepção e prática pedagógica: o que se espera do professor no ensino da língua portuguesa.....	30
3 – METODOLOGIA.....	34
3.1. O tipo de pesquisa.....	34
3.2. Contexto e participantes da pesquisa.....	34
4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	37
4.1 – Tabulação, análise E discussão dos dados: professor.....	37
4.2 – Tabulação, análise E discussão dos dados: coordenador.....	44
4.3 – Tabulação, análise E discussão dos dados: diretora.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES.....	55
3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	71

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

Este memorial relata toda a minha trajetória escolar em sala de aula e fora dela também. Cursei tanto o fundamental quanto o ensino médio em escola pública. Sou o Fagner de Oliveira Guedes, nasci em 17 de abril 1992 no povoado Serra de João Alves localizado no Município de Malhada-Ba. Antes de iniciar essa história, falarei no um pouco sobre a raízes que tenho como base. Meu pai, o senhor Manoel, não estudou em uma escola, mas sabe ler e escrever, ele trabalhava de diárias em Carvoeiras e em roças de terceiros para conseguir o sustento da família. E a dona Ivanda, mãe, que estudou até a quarta série do ensino Fundamental I, boia fria, sempre nas roças catando algodão e feijão para poder ajudar na renda da família. Família humilde, mas batalhadora, iniciei a jornada em 1996. Segundo mãe, insisti para ser matricular na escola.

Com a idade ainda incompleta a dona Vanda foi matricular o seu filho, mas ao retornar da escola, contou que eu estava chorando bastante, nesse percurso ela resolve passar em uma mercearia para comprar algo, a dona da mercearia perguntou por que eu estava chorando, mãe contou que ela tinha ido me matricular na escola, mas disseram que eu não tinha idade suficiente. A dona da mercearia ficou indignada com aquilo, pois havia um garoto com a mesma idade que eu, mas ele estava matriculado, diferença entre nós, ele era de uma família rica e nós pobres. Mãe falou que a dona pegou um caderno, um lápis e uma borracha, me segurou na mão e me levou para a escola novamente, conversou com a direção, e comecei a estudar no dia seguinte, assim começa minha trajetória escolar.

Apendi a escrever e ler, aluno comportado sempre me esforçando para aprender sempre mais. Em 1998 tive que afastar da escola por motivos de saúde, mudei para a cidade de São Paulo, passam dois logos anos em tratamentos, mas no ano 2000 retornei à cidade natal e aos estudos, me lembro o quanto estava feliz por voltar a estudar, apesar de ter uma rotina ser um pouco diferente dos demais alunos. Todos os dias mãe me levava na escola e ia me buscar, na hora do intervalo não podia sair correndo com os outros colegas, mas feliz por estudar. Me dedicando ao máximo para ser um bom aluno, tirando notas boas.

Cursei o fundamental I na Escola Municipal Felintro Gonçalves de Oliveira, localizado no distrito Canabrava na cidade Malhada BA. Meu processo de aprendizagem era aparentemente bom, tirava ótimas notas, sempre me

destaquei em matemática mas em português tinha dificuldades; se perguntarem como era meus professores, responderei que tive alguns bons outros deixaram a desejar com metodologias antigas, me ensinaram a decorar tal façanha que se apresentou inútil para a vida estudantil, hoje me pergunto por que motivo fizeram temer a tabuada dos Nove, palmas da mão avermelhadas pelas respostas erradas, por que não me ensinaram a gostar da matéria? Por que oprimir? Só me pergunto de quem foi culpa, do professor ou da escola ou foi falta de informação, falta de capacidade de inovar, essas são questões que procuro responder até hoje. Mas em fim, aprendi a decorar e consegui chegar ao fundamental II com facilidade, pois precisava apenas decorar e tirar notas boas, cumprir tabela.

Figura 1: Início da Jornada escolar no Fundamental I



(Fonte: álbum de família, Fagner Guedes, data não especificada).

No Fundamental II tudo parecia diferente, matérias e novos professores, antes era apenas um professor no ano, agora era um para cada componente curricular. Mas antes contarei uma história que aconteceu fora da sala de aula, acredito que seja relevante. Mãe faz parte de uma religião, na qual

organizaram uma romaria até a cidade de Bom Jesus da Lapa, e a família foi nessa viagem. Como era período de romaria a igreja estava lotada e por motivo de segurança a dona Vanda, minha mãe, combinou com meu pai que ele tomaria conta para que eu não desaparecesse e ela ficaria responsável pelo meu irmão que na época tinha 5 anos, três anos mais novo que eu.

Meu pai distraído, e eu curioso acabei me afastando deles e quando percebi não vi mais ninguém conhecido, lembro que procurei na igreja, mas nada; vi um grupo visitando as grutas, acompanhei para ver se os encontrava lá, aproveitei para conhecer o lugar já que estava perdido mesmo, andei horas na igreja não encontrei ninguém como estava sem lugar para procurar resolvi ir para o ônibus e ficar esperando, depois de mais de uma hora de espera, o senhor João, meu avô, que também estava a minha procura, me viu sentado na porta do ônibus com um rosto de preocupado e ao mesmo tempo aliviado, me perguntou: o que você está fazendo aqui? Eu respondi. Todo mundo tinha desaparecido, procurei não encontrei ninguém, aí vim para o ônibus, uma hora ou outra vocês iam aparecer, não iam embora e me deixar para traz. Uma ótima decisão tomada por uma criança de apenas 8 anos de idade, confesso que hoje eu não manteria a mesma calma.

Agora vamos voltar a minha vida acadêmica que não foi fácil, no ensino fundamental II, tinha vários professores porem não citarei nomes, sei que tinha aqueles que eram rígidos, outros liberais. Naquela época comecei a me preocupar com notas, na sexta série apareceu uma tal de recuperação paralela, onde o aluno, caso não conseguisse atingir a média da unidade, teria uma segunda avaliação. Concordo que todos tenham uma segunda oportunidade, mas achava errada essa metodologia, pois tirava o mérito de quem conseguia a média na prova normal.

Na aula de geografia fiz a prova tirei uma das notas mais altas da turma, 7,5 fiquei feliz com essa nota, mas até o professor comentar sobre a recuperação paralela e que os que não conseguiram a nota iriam fazer outra prova valendo 10 pontos, naquele momento fiquei indignado, pois os alunos teriam uma nova chance de tirar uma nota maior e, estariam mais preparados tentei argumentar com o professor que era injusto e os alunos deveriam fazer a prova apenas para conseguir o valor da media, meus argumentos foram inúteis,

vendo aquilo decidi que queria fazer uma nova prova também, pois teria a chance de tirar 10, depois da aula nessa discussão, chegamos a um consenso, o professor propôs que eu poderia fazer essa nova prova, porém a nota seria válida apenas a da segunda prova, mesmo que tirasse uma nota inferior a primeira, me preparei para a prova, e acertei todas as questões, tirei 10 e provei ao professor que essa metodologia era errada. Mas no bimestre seguinte as recuperações paralelas chegaram ao fim, pois os alunos sabendo da segunda chance começaram a estudar menos.

Tive professores que se destacaram, recordo do professor de história da 7ª série, esse era muito rígido não explicava bem, mas com ele aprendi ter pontualidade, o meu professor de matemática mostrou que a tabuada de nove não era tão difícil, e na primeira prova da OBMEP (Olimpíadas Brasileiras de Matemática de Escolas Públicas) classifiquei com umas das melhores notas em matemática, porém não passei da segunda fase, mas foi uma grande conquista que serviu de motivação para aprender mais. Em português continuei com dificuldades, porém notas boas, pois sempre era um aluno esforçado.

Em toda a minha jornada pelo Fundamental II tive dificuldades, mas me esforcei para ter boas notas, tinha como objetivos manter as aparências, no meu caso ser o melhor da turma, mas apenas no 1º ano do Ensino Médio pude perceber que notas não eram importantes, comecei a ter personalidade, ter opinião, comecei a estudar para aprender. Não entenda errado, não estou falando que não aprendi nada no Ensino Fundamental II, pelo contrário, dominei várias matérias mais de forma errada, no tradicional método de ensino conhecido popularmente como decoreba. Eu era um receptor de informações. Tive professores de variados nomes, matérias diferentes, uns se destacaram outros não, mas todos possuíam os mesmos métodos de ensino, todos seguiam o conteúdo do livro didático, não tentavam se renovar, usavam os mesmos métodos de décadas atrás, acredito que não podemos responsabilizar pela culpa, só não se preocuparam em saber que a sociedade, os valores e os alunos mudam, está sempre se renovando. Fui forçado a cumprir tabelas até o início do Ensino Médio.

Comecei a cursar o 1º ano do ensino médio na Extensão do Colégio Estadual Luiz Eduardo Magalhães, comecei a construir meu próprio

conhecimento, pois convivi com ótimos educadores, desenvolvi vontade de aprender e de pesquisar, ganhei determinação. Citarei alguns nomes, pois eles fizeram diferença em minha jornada. Começado com a professora Neide, tutora da matéria de LPLB e redação. Dificuldades que me acompanhavam deste o ensino fundamental, desapareceram ali comecei a entender o conteúdo e a participar das aulas. Pena que ela acompanhou apenas oito meses nesse percurso, devido seu afastamento; a professora Claudia passou a ensinar, rígida, confesso que não gostava dela na época, porém vejo que ela foi de suma importância ensinou que são necessários bons argumentos para fazer uma redação.

O professor José Dourado com umas bolas feitas de papel que jogamos no lixo da sala, uma carteira da sala, o apagador e um piloto, nos ensinou as leis de Nilton mostrou que era importante opinar, mostrou que pesquisar poderia ser interessante, mostrou que inglês não era tão difícil; o professor Mario Zan trouxe o conceito que história não era chata e a sala de aula não era lugar para dormir, ensinou que colocar meu ponto de vista em determinados assuntos era de suma importância; o professor Gilmar, com a matéria de química mostrou que química não é coisa do outro mundo.

Esses foram os educadores que ajudaram a construir minha personalidade e desenvolveram determinação, mas por outro lado tinha os autoritários, donos da verdade, centro do saber, porém os jugos como sem conhecimentos, professores que poderiam ser substituídos. A Professora de matemática, enrolada nunca passava os feedbacks das atividades avaliativas trazia sempre o mesmo conteúdo desde o primeiro ano do ensino médio, talvez o vestibular para ela só caísse questões do Teorema de Pitágoras. Não citarei o nome, pois poderia ser o João ou a Maria, não fazia diferença, eram meras ferramentas descartáveis, usados apenas para manter as aparências. “Eu finjo que dou aula, te passo o conteúdo, você decora e tira uma boa nota, parabéns você é um ótimo aluno” esse era o pensamento desses professores. Porém eles não entenderam, eu não queria ser um ótimo aluno, pelo menos não mais, meu objetivo foi mudado, queria ser estudante exemplar, notas não seria mais importante, conhecimento sim.

Em 2010 complicou um pouco mais a jornada, pois mudei para uma localidade na zona rural situada a 8 km da escola. Já cursando o 3º ano do Ensino Médio resolvo entrar em um curso técnico em agropecuária oferecido pelo Colégio São Sebastião. Parcialmente meu percurso se estendeu por três turnos, me deslocando para casa apenas para fazer as refeições e dormir, devido a distância tive bastantes dificuldades, foi um ano cansativo, porém tive várias conquistas. Entre elas me destaquei com maior nota do município na prova da OBMEP (Olimpíadas Brasileiras de Matemática de Escolas Públicas) realizada naquele ano. No curso técnico em agropecuária tive professores que se destacaram; o professor Jose Costa, que sempre afirmava que a teoria era boa, mas não substituía a prática; professor Valdey e professor Naná, cada um deles com uma personalidade diferente, metodologias variadas marcaram minha história.

Conclui o ensino médio em dezembro de 2010, nesta mesma data conclui o curso técnico em agropecuária, atingindo o maior índice de aproveitamento, no qual foram avaliados os quesitos: notas, comportamento, participação e frequência. Fui presenteado pela instituição com um computador par auxiliar em meu percurso. Fiz um curso básico em informática e depois afastei mais dois anos dos estudos, pois não tinha condições financeiras para poder arcar com despesas de uma graduação. Mudei para a cidade de São Paulo, trabalhei por um ano, mas em 2013 recebo um convite para dar aula na comunidade onde nasci. Aceitei o desafio, no começo foi complicado. Eu, com 21 anos, tomando conta de turmas do ensino fundamental II, no primeiro dia, muito nervosismo, pois eu era tímido, mas a cada dia, me esforçava para ser melhor. Passava o dia estudando e fazendo plano diário, para poder dar uma aula exemplar para meus alunos.

Nesse mesmo ano entro em uma universidade particular e a distância, escolhi o curso de licenciatura em Matemática; com o trabalho, poderia arcar com meus estudos, cursei matemática por 4 meses nesse período surgiu o vestibular da UNB, no início não queria fazer, mas mãe insistiu e resolvi fazer a prova mesmo sem acreditar que passaria, pois muitos tinham vindo de cursos pré-vestibulares e eu, apenas com o ensino médio como passaria no vestibular, chances eram mínimas. Recordo que fui abordado por uma colega que me

parabenizou por ter passado no vestibular, na hora não acreditei, agradei pela informação e fui para casa confirmar no site da universidade, e assim inicia minha jornada no curso de licenciatura em pedagogia ofertado pela UNB.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” Freire (1991, p. 58).

Tal citação foi dita pela tutora no primeiro dia de aula, me chamou a atenção, pois eu já atuava como professor na rede pública, mas não me via como educador. A cada componente curricular, fui misturando a teoria com a prática, percebi que minhas aulas começaram a ser mais atrativas para o estudante, a cada turma testava metodologias novas de ensino, fui me renovando e reinventando a cada dia.

Primeira semana e segundo encontro presencial, aula do componente curricular projeto 1, por meio de vídeo conferencia, a professora explicou a metodologia para a turma e, por fim fui escolhido para apresentar dúvidas dos colegas, eu ainda tímido, acabei ficando apavorado, logo cumprimento a professora com um boa noite, isso as 10 horas da manhã, mas no fim tudo ocorreu bem e consegui expor as dúvidas da turma mesmo gaguejando.

O primeiro semestre foi complicado, pois os componentes curriculares eram novos e ainda tinha que preparar minhas aulas do ensino fundamental II, comecei a organizar meu tempo de estudo conciliando com o trabalho, mas ainda enfrentava dificuldade com a internet, acabei me adaptando a estudar a noite, trocava meu dia pela madrugada de estudo, chegando as 23 horas do trabalho, iniciava meus estudos sem horas determinada para parar; no começo era cansativo, mas acostumei e hoje prefiro estudar a noite devido a facilidade de concentrar melhor na leitura por falta de distrações. Sempre tentando me esforçar bastante, mas tinha muito problemas com a conexão com a internet e acabei perdendo os prazos das atividades. A internet foi a maior dificuldade em todo o curso, pois era um problema constante e como minha residência fica distante da sede do município, não existe muita opção de internet. Mas mesmo com dificuldade sempre segui em frente.

Em nossa primeira aula presencial com os tutores a distância, tivemos uma dinâmica interessante, o professor questionou o porquê escolhemos cursar pedagogia. As respostas da turma foram ligadas a afinidade com o trabalho, com crianças, muitos sonhavam em trabalhar com a educação infantil. Eu respondi que, foi por falta de opção, pois no nosso município foram ofertados apenas pedagogia ou letras e entre as duas escolhi pedagogia por ser uma área ampla, mas sempre gostei de exatas. Foi uma resposta inesperada para o professor, mas foi o motivo da minha escolha, a cada dia que passava fui me apaixonando pelo curso, cada componente curricular que conhecia aumentava a certeza de querer ser um professor.

Com o componente curricular, Investigação Filosófica, descobri que filosofia é necessário para a vida, e comecei a pesquisar sobre e ler livros relacionados ao tema; outro componente curricular foi o Educando com Necessidades Educacionais Especiais, que mostrou o quanto se pode fazer a diferença na vida de outros, tendo um foco o filme “o oitavo dia”, que mudou meu olhar sobre pessoas com necessidade educacionais especiais. Educação de adultos, me levou a uma viagem sobre uma perspectiva diferente nessa modalidade, embarcar nos motivos que levaram tantas pessoas a não ingressar na vida escolar, pode perceber que essa nova modalidade de ensino se apresenta como uma segunda chance para repor o direito que foi negado a muitos que tiveram de escolher entre a vida escolar ou trabalhar para garantir o sustento próprio ou da família.

Fundamentos da Educação Ambiental proporcionou conhecer a realidade de nossa comunidade e da escola, foi feito um pequeno projeto que buscava trazer soluções para amenizar a poluição ao meio ambiente na comunidade, podemos pesquisar pequenas ações a serem aplicadas na escola que levaria a um grande bem ambiental. Introdução a classe hospitalar, me levou ao novo campo na pedagogia, que traz autoestima aos alunos que infelizmente tiveram que se afastar da escola, nesse período recordei ao tempo que me afastei do estudo por motivos de saúde, acredito que se tivesse pedagogos no hospital, esse período teria sido menos traumático.

Chegamos ao 5º semestre, nesse período o componente curricular que chamou atenção foi Educação Matemática, que buscava metodologias para trabalhar matemática de forma lúdica, onde o aluno goste de aprender e não temer as tabuadas. Conhecemos jogos e brincadeira em que se aprende matemática brincando. Mas o semestre que mais se destacou no curso foi o sétimo, e com o componente curricular Projeto 4 fase 1, pude conhecer a sala de aula na educação infantil, um grande período de aprendizado onde conheci na prática tudo que aprendemos na teoria, eu já estava acostumado a dar aula em turmas do ensino fundamental II e no ensino médio, mas estar em uma sala de educação infantil acabou com meus preconceitos sobre essa modalidade de ensino, pois acreditava que professor de educação infantil só brincava em sala de aula, acompanhei de perto toda a responsabilidade do professor e toda dedicação aos alunos.

A vida acadêmica foi boa, mas teve muitas dificuldades em meio a esse percurso, se destaca nesse período do curso, muitas noites em claro estudando, moto furada indo ao Polo Educacional Dona Carmen localizado na cidade vizinha Carinhanha, uma distância de 50 km em uma estrada de cascalho em péssimas condições; A conexão com a internet sempre caindo nas horas em que mais precisava.

Ao relembrar minha trajetória até os dias atuais cheguei à simples conclusão, mesmo passando por diversas dificuldades teve bons momentos, ganhei novas experiências, consegui novas perspectivas sobre o olhar observador do professor, aprendi a ser um educador. Ao questionar os projetos de vida que quero seguir; não sou de pensar no futuro, mas não me vejo em uma outra profissão a não ser como um educador. O futuro pode e é mudado pelas escolhas no presente, e quando se trata em escolas, optei por ser um docente que levara o aluno a ser o construtor do conhecimento. Procuro renovar o jeito de ensinar. Talvez eu seja apenas um sonhador ou não, mas correrei atrás dos meus sonhos.

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

1 - INTRODUÇÃO

Alguns autores como Carraher e Schliemann (1989) e Souza (1996) têm apontado diversos problemas na educação brasileira, tais como: o despreparo dos docentes, falta de infraestrutura no ambiente escolar, problemas relativos a transtornos de atenção dos alunos, entre outros. Várias das perspectivas apontadas por esses autores podem ser constatadas empiricamente, na cidade de Malhada. Contudo, até o momento não foi realizada uma pesquisa neste município sobre como os professores veem a questão das crianças que estão finalizando os anos iniciais do ensino fundamental e ainda não consolidaram o processo de alfabetização.

O desejo em pesquisar pela temática se deve a uma experiência vivenciada de trabalho em uma instituição escolar. Naquele período foi possível observar que a turma apresentava um número alto de alunos do 5º anos que apresentavam dificuldades no processo de alfabetização. E vários questionamentos surgiram frente ao objeto de estudo desta pesquisa e um deles seria de como trabalhar, como atender os diferentes percursos de aprendizagem das crianças, considerando a heterogeneidade, pois parte da turma estava num nível de desenvolvimento da construção da escrita e outra parte em outros níveis. Parece que este problema está impregnando nas instituições do Município, mas não é um tema muito discutido e muitos docentes não sabem como agir quando se deparam com a situação.

De acordo com a Alves (2007) o processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo. Para Bordignon e Paim (2017) a alfabetização, enquanto etapa da escolaridade em que os sujeitos se apropriam, mais especificamente, da aprendizagem da leitura e da escrita imersos em uma sociedade letrada, passa a ser foco de preocupação, não somente de educadores, mas de outros setores da sociedade.

Cabe evidenciar o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de

2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico, o que significa dizer que nesses anos iniciais do Ensino Fundamental não haverá retenção dos alunos

Diante do que aponta o Parecer CNE/CEB Nº 11/2010, os professores de forma equivocada se veem na obrigação de passar seus educandos no final desse ciclo, mesmo não tendo adquirido as funções básica de escrita e leitura, no qual um aluno de 4º ano necessita. Na prática observa-se que o estudante avança para o próximo ano e mais uma vez não obteve os conhecimento que um aluno do 5º necessita saber, com isso vemos um número cada vez maior de alunos em anos elevandos e sem os conhecimentos da leitura e escrita.

Desta forma, entende-se que estas são problemáticas que envolvem a temática estudada, isto é: quais os motivos e condicionantes que levam o aluno e aluna a chegaram no 5º ano com déficit de alfabetização? E as escolas, como se posicionam frente a este problema? Como os professores compreendem os processos de ensino e aprendizagem que envolvem a alfabetização? E a avaliação, qual o conceito e concepção que os docentes têm e em que isto implica na aprendizagem dos estudantes? Quais as condições cognitivas e os contextos sociais das crianças, isto tem vínculo com as dificuldades de aprendizagem? São muitas questões norteadoras que envolvem este objeto de estudo.

Considerando estas questões, o problema central deste trabalho é: Quais as principais dificuldades e desafios encontrados por professores no ensino da língua portuguesa, especialmente na produção escrita, para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública no Município de Malhada que não consolidaram o processo de alfabetização?

Para buscar respostas para este questionamento, temos como objetivo geral discutir sobre os principais problemas e dificuldades, na perspectiva dos professores, sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, especialmente na produção escrita, de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que não consolidaram o processo de alfabetização em uma instituição pública no Município de Malhada. Complementando os anseios da pesquisa, temos como objetivos específicos:

a) conhecer as concepções sobre o ensino de língua portuguesa, alfabetização, aprendizagem e avaliação, revelados nos discursos dos professores, que orientam a prática de professores do 5º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada;

b) identificar as dificuldades dos professores em sua prática pedagógica em relação ao ensino da língua portuguesa.

c) analisar o trabalho da gestão em relação as dificuldades nos processos de ensino aprendizagem da escrita nos anos iniciais.

A metodologia da presente pesquisa é qualitativa e como instrumento de pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada sendo devidamente explicadas no capítulo da metodologia. Para melhor organização e compreensão da pesquisa, esta está dividido três capítulos, o da fundamentação teórica que está dividida em 3 subtítulos: Subtítulo I – Os métodos de alfabetização e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem; Subtítulo II – A produção escrita como eixo do ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental; Subtítulo III – Os ciclos de aprendizagem e uma nova concepção e prática pedagógica: o que se espera do professor no ensino da língua portuguesa, o da metodologia, e o da análise e discussão dos dados.

2 - REVISÃO DE LITERATURA

Encontramos uma pesquisa realizada no ano de 2009, de Adriana Francisca de Medeiros, que trata de um contexto parecido com o que será abordado nesta pesquisa, contudo com os alunos Ribeirinhos em Malhada, não foi encontrado registros de pesquisa sobre esse tema. Medeiros (2009) intitula a pesquisa como: A apropriação da linguagem escrita por crianças em meios sociais adversos. A autora busca contribuir para a compreensão de como a criança de meios sociais adversos elabora o conhecimento sobre a língua escrita, tendo como objetivo investigar em que contextos/situações (intra e extraescolares) crianças que vivem em um meio social adverso se apropriam de conhecimentos pertinentes à linguagem escrita. A autora elegeu 9 (nove) crianças matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental, moradoras de uma comunidade periférica do município de CAICÓ-RN, denominada “favela Frei Damião”.

As crianças/sujeitos tinham em média 7 (sete) anos, e seus pais eram catadores de lixo. A pesquisa ainda revela que a comunidade apresenta aspectos incomuns como a presença de casa de taipa, um alto índice de analfabetismo, falta de saneamento básico, ausência de posto de saúde, e outros serviços públicos comuns na zona urbana. A pesquisa realizada é de abordagem qualitativa, constituindo – se um estudo de caso. Os dados foram construídos a partir de entrevistas semiestruturadas, questionários e anotações em diário de campo e apontaram que mesmo vivendo em ambientes de escassez de materiais escritos, as crianças participam de eventos onde fazem uso da escrita e da leitura em diferentes situações.

De acordo com Pinheiro (2011) a educação ribeirinha pode ser entendida não somente a partir do espaço escolar, mas certamente, em outras instâncias da vida. Com esse pensamento ela procurou explorar por meio do tema Políticas e práticas curriculares na educação ribeirinha e o processo de alfabetização da infância, nas águas Tocantins, aspectos fundamentais do currículo que se constrói na vida da infância dentro e fora da escola, caracterizando pontos de referência da leitura escolar, no contraponto da leitura de mundo. Dentre essas considerações, foi objetivo de seu estudo compreender a educação oferecida à infância, a partir do espaço escolarizado e da escuta dos seus saberes culturais. Nessas circunstâncias, empregou-se a metodologia da

observação in lócus, a utilização de entrevistas, com o registro de imagem fotográfica, e análise documental. E a partir desse conjunto de referências, constatou-se que, a infância ribeirinha, possui diversos conhecimentos oriundos dos espaços sociais onde interage. Mas, os saberes significativos de sua cultura, que são também essenciais na contextualização da realidade, no desenvolvimento do ensino aprendizagem e na apropriação da leitura e da escrita, em sua maioria, são silenciados nas políticas e práticas curriculares da escola.

Diante das pesquisas realizadas, conseguimos delimitar o objeto desta pesquisa, agora com o público docente. Também conseguimos delimitar os conceitos teóricos que fundamentam essa pesquisa, assim os subtítulos deste referencial teórico são: Os métodos de alfabetização e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem; A produção escrita como eixo do ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental; os ciclos de aprendizagem e uma nova concepção e prática pedagógica: o que se espera do professor no ensino da língua portuguesa.

Segundo Cortella (2016):

Entender que coragem não é ausência de medo, mas é capacidade de enfrentar o medo. E nós temos de ter coragem para entender que hoje há um movimento novo, e nós temos de lidar com ele. Temos uma sociedade que muda com muita velocidade. Por isso, os alunos novos apresentam para nós não um encargo, mas um patrimônio. Portanto, eles são uma fonte de aprendizagem. É preciso ter coragem para lidar com essa questão.

Vivemos em uma época que os alunos têm acesso a informações, alunos que não se atraem mais pela sala de aula, o professor deve ter coragem de experimentar o novo, buscar repensar suas metodologias, se tornar um professor crítico e reflexivo em busca de melhorar a educação.

Subtítulo I – Os métodos de alfabetização e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem

Como podemos alfabetizar nosso educando? Essa pergunta anda em paralelo com outra indagação “Como enfrentar as dificuldades tanto de nossas crianças em aprender a ler e escrever e como os nossos professores enfrentam as dificuldades em alfabetizar? ”

De acordo com Frade (2005), os métodos de alfabetização, considerados historicamente, agrupam-se em métodos sintéticos e métodos analíticos. Sendo que os métodos sintéticos vão das partes para o todo. Ou seja, consiste no aprendizado através de associação entre fonemas e grafemas, sendo assim, sons e letras basearem-se no ensino do código alfabético, tem como crítica o método da soletração.

Essa tendência compreende o método alfabético, que toma como unidade a letra; o método fônico, que toma como unidade o fonema; o método silábico, que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba. A disputa sobre qual unidade de análise a ser considerada – a letra, o fonema ou a sílaba –, é que deu o tom das diferenciações em torno das correspondências fonográficas. (Frade, 2005)

Frade (2005) ainda afirma que os métodos analíticos partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. São mais conhecidos os métodos globais de contos, o de sentencição e o de palavração. Podemos entender que Palavração a palavra é apresentada ao aluno acompanhado da imagem, porém é dirigida aos detalhes da palavra como sílabas. Palavra é composta e decomposta. Sentencição visualiza e memoriza as palavras para formar novas palavras. Contos e historietas é um método de sentencição, método como ideia fundamental, fazendo com que a criança entenda que ler é descobrir o que está escrita. E também decompor pequenas histórias em partes cada vez menores.

Os estudos de Ferreiro e Teberosky (1986), baseados nas concepções piagetianas, revolucionaram o campo das ideias acerca de como se desenvolvem, na criança, os conhecimentos relativos à escrita e proporcionaram mudanças

significativas na compreensão desse processo ensino-aprendizagem. O que antes era considerado como resultante exclusivamente do método de ensino e envolvendo, essencialmente, habilidades preceptor-motoras, passa a ser visto como um processo cognitivo complexo que envolve o desenvolvimento de noções construídas pelo sujeito na relação com o objeto – a escrita – inclusive em contextos extraescolares. “A tão comentada ‘prontidão’ para a escrita depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a escrita do que de qualquer outro fator que seja invocado”. (FERREIRO, 2001, p.101).

De acordo com as teorizações da psicogênese de Ferreiro e Teberosky (1986), o aprendiz deixa de ser considerado passivo e meramente reprodutor no processo de conhecer e passa a ser visto como um sujeito ativo, elaborador de hipóteses sobre a representação lingüística a partir de suas interações com as mesmas. Essas idéias são ampliadas pelas concepções da abordagem histórico-cultural de L. S. Vygotsky, segundo as quais a aprendizagem, enquanto processo de elaboração de conhecimentos, se dá na interação do sujeito com a escrita enquanto prática cultural mediado por outros mais experientes. Como afirmou Luria (2006, p. 148) “A história da escrita da criança começa muito antes da primeira vez em que o professor coloca um lápis em sua mão e lhe mostra como formar letras”.

Para Mortatti (2006) os processos de ensinar e de aprender a leitura e a escrita na fase inicial de escolarização de crianças se apresentam como um momento de passagem para um mundo novo, para o Estado e para o cidadão: o mundo público da cultura letrada, que instaura novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história e com o próprio Estado; um mundo novo que instaura, enfim, novos modos e conteúdo de pensar, sentir, querer e agir.

Já para Piaget (1998) a aprendizagem provém de “equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menos equilíbrio para um estado de equilíbrio superior”. Diante dessa afirmação nota-se que a aprendizagem parte do equilíbrio e a sequência da evolução da mente, sendo assim um processo que não acontece isoladamente, tanto podem partir das experiências que o indivíduo acumula no decorrer da sua vida, como também por meio da interação social.

A aprendizagem trata-se de um processo contínuo que começa pela convivência familiar, pelas culturas, tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar e na vida social de um indivíduo, sendo assim um processo que valoriza as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento e tem como objetivo a elevação da experiência, formação, raciocínio e observação. Essa ação pode ser analisada a partir de diferentes pontos de vista, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem.

Salmória (2012) afirma que alfabetizar é possibilitar que o aluno tenha conhecimento não só das letras, mas, sobretudo, do significado, a fim de compreender o que está escrito, pois, mediante aquisição e produção de conhecimento, são obtidas outras formas de linguagem.

É importante proporcionar ao aluno contato com diversos tipos de leitura, seja ela de qualquer texto e gravuras, fazendo com que desperte sua imaginação e criatividade. Fator que possui importante papel no processo de desenvolvimento do aluno é a família, pois é de suma importância que os pais acompanhem a vida escolar dos filhos cotidianamente, isto é, reforcem as atitudes boas e corrijam os comportamentos inadequados.

É oportuno, portanto, destacar “a importância de se reconhecer as famílias como parceiras ativas e essenciais na educação das crianças, ou seja, famílias e instituição precisam trocar saberes e competências [...]”. (SANTA CATARINA, 2005, p. 63). Ainda sobre estas questões encontramos Freire (1978) enfatizando que a alfabetização não está relacionada ao método, mas a uma concepção de alfabetização que oportuniza a democratização da cultura, a reflexão sobre o mundo e o lugar do homem, sendo este o sujeito ativo do processo de aprendizagem.

Sendo assim a alfabetização não é formada apenas por métodos isolados. É necessário que a família esteja presente nesse processo, para que a aprendizagem ocorra e preciso que a escola entre em parceria com a família, para assim o educando possa trazer suas vivências a sala de aula e para que sua casa seja uma extensão da sala de aula. Ou seja, transformar o meio social em uma constante vivência de aprendizado.

Subtítulo II – A produção escrita como eixo do ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental

Segundo os parâmetros curriculares nacionais o ensino de Língua Portuguesa tem sido desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, os processos de escolarização e de alfabetização sempre elegeram o ensino do “ler e do escrever” como um de seus objetivos centrais.

Em decorrência disso, os conteúdos de Língua Portuguesa articulam-se em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem. Sendo assim, o currículo escolar dedica um tempo e um espaço específicos para o que se chama atualmente de “ensino de Língua Portuguesa”, isto é, o ensino formal e planejado que almeja formar leitores e produtores competentes de textos verbais e visuais, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Ferreiro (1996) propõe um novo olhar sobre a alfabetização, uma vez que a língua é vista em sua dinamicidade e nos usos que a sociedade faz dela. Para a autora, a escola tradicional operou uma transmutação da escrita, transformando-a em um objeto exclusivamente escolar, ocultando suas funções extraescolares. Na realidade, “a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola e não o inverso”. Complementando esta reflexão encontramos Soares:

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

A autora reforça que, se considera alfabetizado aquele que aprendeu a decodificar os códigos linguísticos, ou seja, alfabetizado é aquele que tem a capacidade de ler e escrever de forma adequada. Já o letrado é segundo Soares (2004) “não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, ou seja, é necessário ler e entender o que se está lendo, sendo

assim, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita”

De acordo com Bunzen (2003), no Ciclo de Alfabetização, o *ensino de Língua Portuguesa* encontra-se geralmente organizado em torno de quatro grandes eixos de ensino:

1. Leitura de textos;
2. Produção de textos;
3. Oralidade e
4. Conhecimentos linguísticos.

Tais eixos são normalmente trabalhados de forma inter-relacionada e em diferentes áreas do conhecimento como nas aulas de matemática, história e de geografia. O aluno pode aprender a ler em qual quer disciplina, basta o professor incentivar a leitura e a escrita, sendo assim o professor pode propor leitura nos textos utilizados nas aulas de ciências.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1960 a 1990), para que possa ocorrer uma reflexão, as estratégias de ensino devem se articular em torno de dois eixos:

- Privilégio do que é regular, permitindo que, por meio da manipulação de um conjunto de palavras, o aluno possa, agrupando-as e classificando-as, inferir as regularidades que caracterizam o emprego de determinada letra;
- Preferência, no tratamento das ocorrências irregulares, dos casos de frequência e maior relevância temática.

Sendo assim, o educando começa a interagir com a palavra, deixando de apenas reproduzi-la e passando a compreender o que se está escrevendo e compreendendo o que se ler. Sendo assim, promovendo uma maior autonomia do aprendizado da língua portuguesa.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (LDB) já estabelece essa orientação:

[...] deixa claro dois conceitos decisivos para todo o desenvolvimento da questão curricular no Brasil. O primeiro, já antecipado pela Constituição, estabelece a relação entre o que é básico-comum e o que é diverso em matéria curricular: as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos. O segundo se refere ao foco do currículo (BRASIL, 2017, p.9).

Segundo Bazani (2017) os fundamentos descritos na introdução da Base Nacional Comum Curricular explicitam as competências a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo de sua escolaridade. De acordo com o documento, a língua escrita e língua portuguesa fazem com que o homem se desenvolva socialmente por meio do ato comunicativo.

Se a linguagem é comunicação, pressupõe interação entre as pessoas que participam do ato comunicativo com e pela linguagem. Cada ato de linguagem não é uma criação em si, mas está inscrito em um sistema semiótico de sentidos múltiplos e, ao mesmo tempo, em um processo discursivo (BRASIL, 2018, p.59).

Sendo assim, o ser humano passa a ser mediado pela sua linguagem e se comunicam consigo e com as outras pessoas, desde quando nasce ele já é estimulado a se comunicar com palavras, mediados por seus pais e parentes próximo, sendo assim o professor deve estar atenta à realidade em que o educando está inserido e qual a sua bagagem cultural e social, para assim poder desenvolver o melhor método para que se possa alfabetizar.

Subtítulo III – Os ciclos de aprendizagem e uma nova concepção e prática pedagógica: o que se espera do professor no ensino da língua portuguesa.

Os Ciclos de Aprendizagem, segundo Mainardes (2009) são formados por uma modalidade de ciclos que se caracteriza por ser uma experiência que diferencia de outras modalidades como os ciclos de Formação. Nos Ciclos de Aprendizagem, a duração dos ciclos tende a ser mais curta (2 ou 3 anos) e há a previsão da reprovação ao final de cada ciclo

Para Perrenoud (2004) a organização da escolaridade em Ciclos de Aprendizagem é uma alternativa para enfrentar o fracasso escolar que garantiria a aprendizagem dos alunos, por meio da progressão das suas aprendizagens. A implantação de Ciclos de Aprendizagem em uma rede de ensino é formada em uma oportunidade de construir uma nova escola, baseada na lógica da aprendizagem e não da mera classificação e reprovação de alunos, sendo assim nessa nova escola o aluno não vai ser reprovado em meio ao ciclo, e sua avaliação será voltada apenas para melhorar sua aprendizagem. Ele aponta que Ciclos de Aprendizagem se desenvolve em:

- a) implica em mudanças na organização e gestão da escola;
- b) exige que os objetivos de final de ciclo sejam claramente definidos para professores e alunos;
- c) pressupõe o emprego de dispositivos da pedagogia diferenciada, da avaliação formativa e o trabalho coletivo de professores;
- d) demanda uma formação contínua dos professores, o apoio institucional e o acompanhamento adequado “para construir novas competências (PERRENOUD, 2004, p. 52).

Mas qual o papel do professor, nesse novo círculo de aprendizagem? Segundo Pires (2006) uma concepção moderna da tarefa do professor requer não apenas ampliar certas fórmulas pré-estabelecidas, como também um exercício profissional competente que inclui autonomia, capacidade de decisão e criatividade.

Um “professor reflexivo” é necessário em sala de aula pois, o docente deve repensar sua prática e melhorar a cada ação tomada, o professor passa a ser um avaliador, mas não irá avaliar o aluno com intuito de reprova-lo ou aprova-lo, o professor será um avaliador da sua própria prática com intuito de melhorá-la. Ele continua progredindo em sua profissão mesmo quando não passa por dificuldades e nem por situações de crise, por prazer ou porque não o pode evitar, pois a reflexão transformou-se em uma forma de identidade e de satisfação profissionais. O professor faz sua prática através da reflexão e assim constrói novos conhecimentos, os quais, com certeza, são reinvestidos na ação.

Um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de formação inicial, nem ao que descobriu em seus primeiros anos de prática. Ele reexamina constantemente seus objetivos, seus procedimentos, suas evidências e seus saberes. O professor está em constante aprendizagem, a sua prática passa a ser uma aprendizagem constante, onde a cada dia ele ganha uma experiência nova, um novo método de ensino a ser aplicado. Sua metodologia passa a ser reflexiva e sua prática repensada de acordo aos resultados de uma autoavaliação. (PERRENOUD, 2004 b,43)

O professor faz perguntas, tenta compreender seus fracassos, projeta-se no futuro, decide proceder de forma diferente quando ocorrer uma situação semelhante ou quando o ano seguinte se iniciar, estabelece objetivos mais claros, explicita suas expectativas e seus procedimentos. Sendo assim, o professor se constrói através de experiências aprofundando o seu conhecimento sobre a

prática. Onde a prática reflexiva é um trabalho que, para se tornar regular, exige uma postura e uma identidade particulares. (PERRENOUD, 2004 b,43).

Zabala (1998) complementa que para melhorar a qualidade do ensino é preciso conhecer e avaliar a intervenção pedagógica dos professores, ou seja, é necessário que além de avaliar o aluno, é preciso avaliar as práticas do professor. É necessário que este professor busque constantemente uma melhoria em suas atividades pedagógicas em sala de aula. Levando em consideração o sucesso escolar depende de resultado aos processos de aprendizagem como os de ensino são um meio para ajudar os alunos em seu crescimento e, é um instrumento que permite ao professor melhorar sua atuação em sala de aula.

Uma atitude reflexiva permanente possibilitara uma análise mais complexa do ofício de profissional da educação, onde estabelecer uma relação crítica com o saber é essencial para a construção da identidade de formador competente.

Ainda se questiona qual papel o papel do professor diante do ensino da língua portuguesa e qual suas metodologias? Faz-se necessário que o profissional que se questiona e reflete sobre sua prática. Ao criar sua metodologia, caso opte por aulas com gênero textuais, torna-se necessário que o educador busque textos que procuram despertar no discente o desejo pela leitura, que ajude o educando a se fascinar com as letras, as sílabas e as palavras.

O professor deve se tornar um mediador do conhecimento, levando o educando que já domina a língua de forma bruta a associar com os códigos linguísticos e, compreende-los, ou seja, ler e entender o que se está lendo.

Assim o professor, não usa suas metodologias apenas para a alfabetização, faz uso de outro processo de aprendizagem o letramento. O professor deve ser um mediador que possa trabalhar esses dois processos em paralelo.

Assim, o professor tem, em nossos dias, a árdua tarefa de criar condições de sobrevivência e desenvolvimento dos seus educandos na sociedade, aproveitando-se de fórmulas eficientes do passado e pesquisando outras que se fizerem necessárias. "Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação" (BRANDÃO, 1985, p.7).

A língua portuguesa está situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está mergulhado e não divorciado do contexto social. Para Nidelcoff (1983), o professor precisa se apresentar aos seus alunos como um educador/orientador e não como um mero transmissor de informação. Os alunos devem lhe interessar enquanto pessoas, não enquanto intelectos apenas.

Sobre a prática do professor Gadotti (2000, p.9) afirma que nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz, e para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer dos seus alunos.

Sendo o assim o professor ao ensinar a língua portuguesa, faz-se necessário que seja um pesquisador, questionador, observador e reflexivo, para assim se tornar não apenas um dono do conhecimento a ser transmitido ao aluno receptor. Mas que seja um educador mediador do conhecimento, onde ele não apresentará conteúdos, o professor passa a ser criador de oportunidades para que o conhecimento aconteça e o educando seja o construtor do seu próprio conhecimento. E o ensino da língua portuguesa torna-se chave para que o educando tenha uma vida social e cultural de sucesso, ou seja, que o aluno se torne um cidadão crítico e consciente.

3 – METODOLOGIA

3.1. O tipo de pesquisa

A metodologia da presente pesquisa se embasará na abordagem qualificativa, e busca compreender e interpretar determinados comportamentos do professor em sua vivência na alfabetização e quais suas expectativas em relação à alfabetização de seus alunos. Segundo Martins (2004) essa metodologia qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados.

Sobre a abordagem qualitativa Minayo e Sanches (1993) “informa que está aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Quanto ao instrumento de pesquisa, foi escolhida a entrevista semiestruturada por acreditar ser a que melhor que atende as expectativas.

Sobre a entrevista semiestruturada, Triviños (1987, p. 146) “relata que este instrumento tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. O questionamento tem como objetivo criar novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

Ao elaborar o roteiro da entrevista, busquei priorizar dúvidas que me acompanhavam e buscando compreender como seria o dia a dia em sala de aula como poderia ser a postura do professor e o que a direção poderia fazer para ajudar o professor melhorar a sua metodologia.

No dia da entrevista fui bem recebido na escola, e a professora foi a primeira que eu entrevistei, seguimos o roteiro, sempre ela respondendo e colocando seu ponto de vista de forma resumida e clara, assim conseguindo me passar as maiores dificuldades encontradas em sala de aula. Logo após entrevistei a coordenadora, que falou sobre os projetos e como ela tenta ajudar a professora. Tive que retornar na outra semana, pois a diretora não se encontrava na escola, pois estava em uma reunião na secretaria de educação do município.

Para entender como o professor enfrenta tal situação foi usado a técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista semiestruturada que permitiu tratar o tema com objetividade e ao mesmo tempo um pouco de flexibilidade para o entrevistador onde pode criar algumas perguntas norteadoras de acordo como as

respostas do entrevistado. Tal técnica condiz melhor nessa pesquisa, pois, trata direto com o sujeito, as questões debatidas visam à percepção do sujeito em relação à aprendizagem dos alunos.

Foi utilizada observação e entrevista semiestruturada. Observação foi realizado em dois períodos, um antes da entrevista semiestruturada, para que o entrevistador tivesse a oportunidade de conhecer o contexto em que os alunos e professores estavam inseridos.

Em um segundo momento, logo após a entrevista foi importante que se fazer uma nova observação para poder compreender melhor os dados já coletados. Foi feito 2 horas de observação antes da entrevista semiestruturada e 2 horas depois. Assim o pesquisador pode compreender e analisar os dados coletados.

3.2. Contexto e participantes da pesquisa

O contexto escolhido para a presente pesquisa é uma escola municipal situada na localidade de Serra de João Alves II, a 18 km da sede (Malhada). O número de alunos matriculados neste ano de 2018 foram 123 (Cento e vinte e três) alunos, entre Educação Infantil ao 9º ano do ensino fundamental. Alunos pertencente também de comunidades circunvizinhas. Quanto ao corpo de colaboradores, a unidade escolar possui 28 (Vinte e oito) funcionários, sendo que 12 são professores.

Quanto a instalação física é formada por 06 salas, 01 banheiros feminino, 01 banheiros masculino, 01 cantina, 01 depósitos, 01 secretaria e 01 banheiro dos funcionários, 01 pátio descoberto. É oportuno citar que a escola passou por uma reforma no ano de 2013, porém ainda existem algumas carências como: a falta de cobertura do pátio, isto dificulta o momento de lazer dos educandos devido a temperatura está muito quente, outro problema e a falta de uma biblioteca, pois o espaço que se tem é pequeno para a exposição dos livros, a falta de um laboratório de informática, a falta de uma base para caixa, ressalto que a construção desta base contribuirá para o melhor funcionamento da nossa escola principalmente na cantina.

A entidade possui autorização para funcionamento, sendo da Prefeitura a responsabilidade de manter a escola financeiramente, como dispõe no art. 11, V

da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a mesma sempre faz reformulações no processo de funcionamento, ela se apresenta em dias com seus documentos, o regimento, PPP, calendário, projetos, caderneta, pasta do aluno, censo escolar, frequência escolar da bolsa família, conselho de classe dentre outros,

Os participantes do presente trabalho são os professores dos anos iniciais, foram entrevistados 1 professor do 5º ano, coordenador da escola e o diretor. Estes foram escolhidos com o propósito de melhor entender qual a perspectiva do mesmo sobre a alfabetização e escrita dos alunos. Buscando suas dificuldades encontradas em sala de aula, ou seja, buscando compreender o ponto de vista do professor em relação às dificuldades encontradas na alfabetização nos anos iniciais.

4 – TABULAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A tabulação, análise e discussão dos dados tem o objetivo de apresentar os dados coletados nos instrumentos de pesquisa, ou seja, nas entrevistas realizadas em uma escola municipal na cidade de Malhada, foi entrevistada uma professora, a coordenadora e a diretora.

Para melhor organização, o mesmo será feito discutido por praticantes na seguinte ordem: professor, coordenador e diretor.

4.1 – Tabulação, análise E discussão dos dados: professor

A entrevista semiestruturada foi realizada e contamos com uma professora, a primeira parte da entrevista objetiva identificar os participantes e a segunda tem o propósito de descobrir o que conhecem sobre o tema da pesquisa.

Descobrimos na identificação que a professora possui 40 anos, possui Magistério, é licenciada em História e pós-graduada em História do Brasil e Afrodescendentes, Alfabetização e Letramento e Gestão Pública. A docente trabalha na instituição há 2 anos, mas possui 14 anos de docência sendo que em 2002 com educação de jovens e adultos, em 2003 com crianças e adolescentes em uma turma multisseriada com alunos do jardim I até a Extinta 5ª série.

Algumas questões sobre a pesquisa foram indagadas. Na primeira questão foi indagado que foi presenciado alunos que cursam o quinto ano nessa instituição, mas que apresentam dificuldades na consolidação do processo de alfabetização. Diante da observação, em seguida foi perguntado: Quais as dificuldades em trabalhar a língua portuguesa, especialmente a produção da escrita com estes alunos? A professora nos disse que:

Um das principais dificuldades é a falta de materiais e a pouca participação dos pais. Por isso procuro trabalhar com metodologias lúdicas e interdisciplinares, por interação e participação. Dialogando sempre para que os alunos possam compreender e transmitir com clareza seus conhecimentos, tendo autonomia em suas opiniões (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

A falta da participação da família na vida escolar dos educandos traz grande perda de aprendizagem para o aluno, pois quando chegam a casa acabam não tendo incentivo para continuar estudando. E a família pode dar o

acompanhamento necessário para o aluno, segundo De acordo com (FREIRE, 1987, p. 68). “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Sendo assim a família tem responsabilidades no desenvolvimento de seus filhos pois tem os primeiros contatos com as crianças.

Em seguida foi perguntado: professora, qual a metodologia de estudo utilizada em sala de aula com os alunos que apresentam dificuldades de leitura e escrita?

Procuro desenvolver minhas aulas de acordo com o nível de cada aluno, desenvolvendo atividades, leituras e interpretação de diferentes tipos e gêneros textuais, estimulando a participação dos alunos, incentivando o diálogo e ouvindo sempre o educando para compreender qual proposta desperta interesse nos educandos (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

Observamos na fala da docente que ela coloca o aluno como foco, na construção de seus planos de aula, lendo sempre o contexto em que o educando está inserido e qual a sua bagagem cultural.

Queremos uma escola pública realmente competente, que respeite a forma de estar sendo de seus alunos e alunas, seus padrões culturais de classe, seus valores, sua sabedoria, sua linguagem... (Devemos Promover) ...uma reformulação curricular pensada para a escola pública municipal que queremos: séria, competente, justa, alegre, curiosa. Escola que vá virando o espaço em que a criança, popular ou não, tenha condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, de crescer (FREIRE, 1991, p.42).

De acordo com o pensamento de Freire, a professora busca conhecer a realidade do aluno e saber qual o seu nível do educando, para que possa promover o aprendizado respeitando o tempo do educando.

Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Diante do apresentado perguntamos: Qual a sua percepção sobre esse tema?

As mudanças tinham como objetivos e perspectivas de melhorias na qualidade de ensino, mas vejo que na realidade dessa escola tais perspectivas não se desenvolvem, na verdade aconteceu o inverso, alunos que passam sem o mínimo de conhecimento exigido acabam tendo mais dificuldades em seu desenvolvimento nos anos seguintes. (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

De acordo com o que foi vivenciado na entrevista e na escola, percebe-se que muitos alunos não conseguem os conhecimentos básicos para passar para o ano seguinte, mas devido a sua idade não podem ser reprovados e acabam apresentando dificuldades no ano seguinte e não conseguem acompanhar a turma e a professora se vê na necessidade de desenvolver um plano de aula voltado a esses alunos e outro plano para os demais educandos para que não atrase a turma. Para Ferreiro e Teberosky (1985):

A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou dos mais eficazes dos métodos de alfabetização. Porém, não há um método correto ou melhores práticas pedagógicas de ensino, afinal todas elas estão apoiadas em certo modo de conceber aprendizagem que seja significativo para o alfabetizando, se pautando nas particularidades e realidade de cada educando. Normalmente, as metodologias usadas por muitos alfabetizadores partem daquilo que é mais simples (métodos sintéticos), indo para o mais complexo (métodos analíticos).

Avançamos na entrevista e perguntamos: Professora quais os incentivos recebidos pela coordenação, para amenizar as dificuldades encontradas em sala de aula? A professora nos disse que:

Na perspectiva de amenizar essa situação a coordenadora, em parceria com os professores vem buscando alternativas para poder mudar essa realidade, elaborando projetos interdisciplinares que busquem buscar a atenção do aluno e da família para a escola (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

Em um trabalho em conjunto com a professora a coordenadora busca melhorias para a educação. Organizar e dirigir situações de aprendizagem envolvendo professores e alunos em projetos de conhecimento, em atividades de pesquisas. (PERRENOUD, 2000)

Perguntamos também: Quais são os projetos elaborados na escola para mudar esse triste quadro que os alunos se encontram? A docente nos disse que “o projeto que tem mais destaque foi o “Esporte na Escola”. Neste projeto os alunos participam de um campeonato de futsal, envolvendo alunos e famílias em busca da educação, para participar do campeonato de jogos os alunos tem

que ter uma médias pré-definida nas unidades escolares. Tal projeto vem diminuindo o número de médias insatisfatória. A docente complementou a sua fala nos dizendo que:

Temos também projetos que buscam trabalhar a leitura e escrita em sala de aula, nesse projeto é utilizado a interdisciplinidade, onde trabalhamos a leitura e escrita não apenas nas aulas de português, mas em todos os componentes curriculares (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

Evidencio nesta pesquisa que trabalhar projetos na escola ajuda a criança no seu desenvolvimento e estímulo, como exemplo o projeto da escola, Esporte na escola traz estímulo ao educando para se dedicar nos estudos para assim poder participar do projeto, assim acabam desenvolvendo seu aprendizado de forma espontânea. Freire (1996) nos alerta que para que o conhecimento verdadeiro seja construindo com um processo ao longo da educação, o professor, ao entrar na sala de aula, deve estar aberto às indagações à curiosidade e às perguntas dos alunos, ele deve ser investigador e curioso e instigar o conhecimento em momentos de busca.

A próxima questão da entrevista foi: Na sua opinião, por que as crianças chegam no quinto ano sem ter consolidado o processo de alfabetização? Obtivemos a seguinte resposta:

Na realidade vivenciada em sala de aula, crianças e adolescentes enfrentam dificuldades com a escrita e leitura, acabaram sendo analfabetos funcionais. A falta de parceria entre família e escola é um dos maiores agravantes dessa realidade, pais que querem que os filhos vão a escola, mas não fazem o acompanhamento, deixam a responsabilidade para os professores, eles abrem mão do compromisso de ajudar no desenvolvimento de seus filhos, deixando de cumprir seu papel como família (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

Mas uma vez vemos a importância da família na escola, se não temos a participação dos pais na vida escolar do educando acabamos tendo um grande nível de possibilidade de fracasso do educando na sua construção do conhecimento, segundo Freire (1999, p.30): “A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada”. E dentro dessa conjuntura está a família e a escola. Ambas tentando encontrar caminhos em meio a esse emaranhado de escolhas, que esses novos contextos, sociais, econômicos e culturais, nos impõem.

A próxima questão perguntou: Que tipo de atividades essas crianças do quinto mais gostam de fazer na escola?

Na minha percepção eles gostam de atividades esportivas, campeonatos, desafios, passeios. Gostam também quando trabalho áudios e imagens através de vídeos e músicas ou filmes, sendo assim busco por meio de atividades lúdicas buscamos a atenção do educando para a escola (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

O trabalho lúdico sem dúvidas atrai a atenção do educando, cabe o professor promover brincadeiras onde o aluno possa construir seu conhecimento de forma prazerosa. Segundo Kishimoto (2002, p. 62) O renascimento vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Por isso, foi adotada como instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares.

Em andamento perguntamos: Como são avaliadas as crianças nesta escola? A professora nos disse que “são avaliadas na forma qualitativa e quantitativa, dependendo da participação e do desempenho de cada aluno”. Então, o aluno é avaliado no dia a dia e no final da unidade é feita uma avaliação através de provas, onde o resultado será utilizado como fator reflexivo sobre a metodologia utilizada pelo professor. A professora busca na avaliação, não uma forma de reprovação do educando, mas sim maneira de ajudar onde o mesmo apresente dificuldades.

Freire diz que “*estar comprometido com os resultados de sua prática e visar a melhoria da qualidade de vida dos educandos*”, é ser ético, é ser crítico, é ser capaz de aceitar o novo, de repudiar qualquer forma de discriminação, de estar livre de qualquer preconceito, de rejeitar qualquer proposta que não seja válida para seus alunos e estar atento ao que errou ontem para não errar hoje, em suma, deve assumir-se como ser pensante, histórico, social, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de reconhecer o outro, capaz de ter raiva e principalmente ser capaz de amar.

Perguntamos na sequência: Quais seus desafios e dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da escrita? A professora nos disse que:

“O maior desafio a se enfrentar é a falta de materiais para poder trabalhar de maneira lúdicas, devido a esses motivos acaba dificultando na criação de metodologias de ensino para que o educando possa desenvolver sua escrita de uma maneira mais prazerosa. A falta de

apoio da família vem agravando um pouco mais dessa situação, pois passamos atividades para casa, mas os educandos trazem sem responder, muito por falta de apoio dos pais. A atuação dos pais é de suma importância, vejo os alunos que tem acompanhamento da família, apresentam um melhor rendimento em sala de aula". (PROFESSORA ENTREVISTADA, 2018)

Um dos principais problemas que atinge as escolas da região é a falta de investimento, professores sem materiais acabam tendo que utilizar a criatividade e muitas vezes tirar parte do seu salário para comprar material para ser utilizado em sala de aula.

Na família que o educando encontra seus primeiros professores, o pai e a mãe, mas chega um momento que esse papel é passado de forma equivocada para a escola. Onde a família deposita as responsabilidades no professor. Não cabe à família colaborar com a escola na educação, mas exatamente o contrário, é a escola que colabora, a família é responsável. A escola assumiu muitas tarefas nos últimos 20 anos, especialmente a escola pública, porque ela é parte da rede de proteção social e, por isso, desempenha tarefas do Estado, entre elas a proteção à vida, segurança e liberdade dos indivíduos. (CORTELLA, 2008)

4.2 – Tabulação, análise e discussão dos dados: coordenador

Descobrimos na identificação que a coordenadora possui 36 anos, é licenciada Biologia, pós-graduada em psicopedagogia e coordenação pedagógica. A docente trabalha na instituição há 13 anos, mas atua 8 anos como coordenadora.

Algumas questões sobre a pesquisa foram indagadas. Na primeira questão foi indagado que foi presenciados alunos que cursam o quinto ano nessa instituição, mas que apresentam dificuldades na consolidação do processo de alfabetização. Diante da observação, em seguida foi perguntado: Como a coordenação está agindo para poder auxiliar o professor em sala de aula? A coordenadora nos disse que:

No início do ano letivo foi realizado o diagnóstico inicial das turmas, para identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos dentro desta perspectiva realizamos planejamentos e formações com os professores

com intuito de subsidiar e buscar estratégias, intervenções que contribuem para o desenvolvimento do aluno, por meio do diálogo compartilhado com experiências em relação as necessidades diagnosticadas (COORDENADOR ENTREVISTADA, 2018).

Com o trabalho em conjunto da coordenadora com a professora os alunos têm um melhor acompanhamento e desenvolvimento de seu conhecimento, onde professora e coordenadora buscam juntas amenizar as dificuldades dos educandos. Segundo Freire (1996), “quem mais precisa aprender é aquele que ensina”.

Em seguida foi perguntado: coordenadora quais os projetos criando na instituição para poder auxiliar e incentivar a leitura e escrita na escola?

Foi criado o projeto de “Leitura e Oralidade” para incentivar os alunos no processo de leitura, escrita e oralidade. No decorrer do projeto que tem duração anual, os alunos participam de eventos onde trabalhamos com oralidade, apresentações, produção de escrita e oral sobre a orientações dos professores. Dentro deste contexto os professores realizam as intervenções dentro de sala de aula. (COORDENADOR ENTREVISTADA, 2018).

Um projeto que busca incentivar a leitura e escrita pelos educandos, sendo assim transformando em cidadãos críticos e conscientes, onde a prática de ler se torne um hábito prazeroso. Martins (2006) a escola é detentora do dever de formar o desenvolvimento, do hábito de ler e seu papel se amplia a depender dos condicionantes familiares e socioeconômicos.

Coordenadora, sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Diante do apresentado perguntamos: qual a sua percepção sobre esse tema?

Nesse processo de ensino aprendizagem, nos três anos iniciais que devem assegurar a alfabetização e o letramento dos educandos. Mesmo diante do que é proposto é necessário primeiramente o empenho da equipe escolar e dos educandos. Na elaboração da metodologia que proporcionem uma aprendizagem diversificada, criativa, que explore as diversas formas de aprendizagem. Embora, sabemos que cada aluno tem suas potencialidades e dificuldades de aprendizagem, porém nem todos os alunos ao passar por essa etapa conseguem ter um bom desenvolvimento dentro e proposto da trajetória escolar deste ciclo. (COORDENADOR ENTREVISTADA, 2018).

A coordenadora, acredita que para diminuir o número de reprovações e garantir a alfabetização dos educandos, é necessário que toda a equipe escolar

trabalhe com o educando em foco, onde mesmo que não tenha reprovação até o final do ciclo, mas se faz necessário as avaliações com intuito de diagnósticos e um alto reflexão da metodologia usada pelo professor. De acordo com Soares (2004) [...] sem proposições metodológicas claras, estamos correndo o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtivista da alfabetização e a ortodoxia da escola ou [...] porque podemos incorrer no espontaneísmo.

Avançamos na entrevista e perguntamos: coordenadora A escola tem projetos para incentivar a família a acompanhar o desenvolvimento do aluno na escola?

A parceria família e escola é de suma importância no contexto escolar. Para ampliar a participação da família na escola os nossos encontros são por serie/ano onde podemos dialogar com a família sobre o desenvolvimento de cada aluno.

Temos também o “esporte na escola” tem duração anual, o objetivo promover a participação da família, e resgatar toda a comunidade, incentivar o esporte. Vale lembrar que o projeto foi elaborado por professores, alunos, coordenadora, pais e Diretora. Desta forma foram criados critérios que incentiva a aprendizagem dos alunos. (COORDENADOR ENTREVISTADA, 2018).

O trabalho é voltado a uma gestão democrática, onde busca trazer a família para a escola. Onde não apenas para reuniões periódicas no final da unidade, mas sim para uma vida escolar, onde os pais possam decidir também nos projetos e que possam optar por colocar suas opiniões para melhoria da educação de seus filhos. Em uma entrevista Cortella (2014) expõe de forma sucinta e clara o papel da família e da escola. Em um dos momentos, ele fala que [...] a educação é dever da família em primeiro lugar e do poder público em segundo lugar, e que o papel da escola é de escolarizar e não de educar.

Perguntamos também: Você já participou de formação continuada na Secretaria de Educação que trate da consolidação do processo de alfabetização? Descreva o tipo de formação. A coordenadora respondeu:

Sim, a formação abordava a consolidação do processo de alfabetização, onde os coordenadores enfatizaram sobre as unidades escolares. Desta forma ouve um debate entre as equipes com trocas de experiências. (COORDENADOR ENTREVISTADA, 2018).

A formação de coordenadores é de suma importância, pois é necessário se atualizar, por que os alunos não são os mesmos, tendo em vista,

devemos moldar a coordenação e os projetos para que busque a interação com os educandos. “O professor não pode envelhecer nunca! ”, afirma Clarilza Prado de Souza a professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) “É uma das únicas profissões que exigem renovação a cada momento. Precisamos estar sempre jovens”,

Para finalizar a entrevista, indagamos: Quais os desafios e as dificuldades no trabalho com os professores quando se refere a este problema da consolidação do processo de alfabetização no quinto ano?

Ao observar os alunos do 5º ano, nota-se que alguns alunos apresentam níveis de aprendizagem bastante diversificado em relação a série, isto dificulta o trabalho do professor embora sabemos que os alunos possuem saberes diferenciados.

Dentro desta abordagem a professora desenvolve um trabalho que busca atender essas necessidades, isto é um dos desafios encontrados. (COORDENADOR ENTREVISTADA, 2018).

A grande variedade de níveis de aprendizado sem dúvida é uma das maiores dificuldades, pois o professor não poderá deixar os alunos para traz, mas não pode atrasar os colegas, colocando a professora em uma situação complexa, onde o mesmo precisa ser criativo e original para que possa criar planos de aula para abranger todos os tipos de níveis de aprendizagem. A escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagem diferentes. "É necessário parar de privilegiar determinadas qualidades. O aluno mais rápido não é melhor que o mais lento", afirma Ângela Soligo, do Departamento de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas.

4.3 – Tabulação, análise e discussão dos dados: diretora

Descobrimos na identificação que a diretora da instituição possui 40 anos, é licenciada Letras e no momento cursando a sua pós-graduação em Gestão Escolar e psicopedagogia. A docente trabalha na instituição há 13 anos, mas atua 1 ano e 9 meses como coordenadora.

Algumas questões sobre a pesquisa foram indagadas. Na primeira questão foi indagado qual o papel da direção para auxiliar o professor em sala de aula nas dificuldades encontrada na alfabetização?

A direção procura sempre de maneira sucinta é claro estabelecer uma relação de cordialidade ajudando com materiais retirados da internet, esclarecendo e incentivando-os que sempre podemos fazer o nosso melhor dentro das possibilidades que nos é permitida (DIRETORA ENTREVISTADA, 2018).

A diretora sempre participar do dia a dia do professor, proporcionando meios para que possa se concretizar a ensino aprendizagem dos educandos. Dessa perspectiva, pensar numa gestão democrática significa possibilitar a abertura da escola como um espaço propício à participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo dialógico de construção do projeto da escola. Paulo Freire chama esse processo de “mudar a cara da escola” (FREIRE: 2001). Em seguida foi perguntado: Qual o modelo de gestão que a direção utiliza para poder gerenciar a instituição escolar?

A gestão incentiva o apoio da família na escola? Modelo de gestão democrática, incentivadora, com o apoio e participação da família no ambiente escolar. (DIRETORA ENTREVISTADA, 2018).

A direção acredita que a participação da família na escolar seja essencial para o desenvolvimento do educando. Postulou Freire (1996, p. 135): “é na coerência entre o que se faz e o que se diz que nos encontramos. Isto significa que algumas mudanças requerem reflexões e ações conjuntas para não se perpetuarem por caminhos desencontrados”.

Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Diante do apresentado perguntamos: qual a sua percepção sobre esse tema?

Em teoria, é uma ótima metodologia onde o aluno não precisa se preocupar com notas, e se concentrar na aprendizagem, assim tendo um maior desenvolvimento. Mas na realidade isso não acontece, muitas crianças sem o devido acompanhamento da família, acabam não tendo um desenvolvimento esperado e acabam repetindo no final do ciclo. (DIRETORA ENTREVISTADA, 2018).

Segundo a visão da diretora, a família tem fundamental importância na vida escolar do educando, onde é o principal incentivador para que se aconteça a escolarização. Freire (1996, p. 98):

É necessário compreender que a educação é uma forma de intervir no mundo. Nesse caso, gestão participativa consta que a escola deva reunir entre si, a família dos alunos, os pais, os professores e funcionários para que juntos, com espírito de coletividade e responsabilidade cooperem para a formação do cidadão.

Avançamos na entrevista e perguntamos: A gestão incentiva à vinda da família para a escola? Como é esse processo?

Sim. Através de convite formal e informal e sempre os esclarecendo da importância da família no ambiente escolar. A escola sempre busca convidar a família, pois entende que mesmo tendo alunos que tem presença todos os dias na escola, mas é com a família que os educandos passam maior parte de seu tempo, e sendo assim a família deve ser seu maior incentivador. (DIRETORA ENTREVISTADA, 2018).

A escola deve criar oportunidades para que a família faça parte da escola, pois muitas famílias acreditam que sua responsabilidade começa quando compram o material escolar de seus filhos e acaba quando os mandam ir à escola, mas sabemos que a família precisa estar sempre presente na vida escolar de seus filhos pois são os primeiros professores e os iram acompanhar por toda a vida. Conforme Kreppner (2000) a família é responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades.

Qual o investimento da Secretaria de Educação para resolver este problema das dificuldades de consolidação da alfabetização dos estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental?

A secretaria da educação vem sempre buscando amenizar esses problemas através de palestras, formações com especialistas no assunto. Vem subsidiando o trabalho do professor com quites e obras que tratam do assunto. Para assim amenizar o problema. (DIRETORA ENTREVISTADA, 2018).

Mas ainda vemos que temos um grande caminho a ser percorrido, pois ainda faltam investimentos tantos em estruturas como em materiais escolares.

Mas vejo que tanto a secretaria quanto a gestão escolar, estão buscando melhorias a educação. Conforme Freire (1996, p. 98):

É necessário compreender que a educação é uma forma de intervir no mundo. Nesse caso, gestão participativa consta que a escola deva reunir entre si, a família dos alunos, os pais, os professores e funcionários para que juntos, com espírito de coletividade e responsabilidade cooperem para a formação do cidadão. Esse é o grande desafio a ser alcançado pelos diretores das escolas, já que o processo de democratização implica mudanças na tarefa de gerir; implica também, autonomia da escola, vinculada a uma política geral do estado para não perder o sentido público. Se é pública é de todos e todos devem participar ativamente da gestão escolar.

Foi possível perceber que a gestão está buscando melhorias para os professores, através de uma gestão participativa e democrática, entendem a importância da família na escola, conhecendo a carência do pais na instituição buscam criar projetos que unam professores, gestão e família todos em prol de um mesmo objetivo, melhoria na educação e amenizar as dificuldades enfrentadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre as dificuldades e desafios nos processos de ensino e aprendizagens da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, também permitiu uma pesquisa de campo para obter dados mais consistentes sobre a visão do professor sobre o processo de alfabetização e quais possíveis ações efetivadas pela gestão e coordenação escolar para amenizar as dificuldades nesse processo.

A produção desse trabalho, demonstrou ser de suma importância para ampliar os conhecimentos do autor sobre o tema que está presente na profissão em que deseja seguir. Através desse estudo, foi possível perceber que muitos alunos chegam ao quinto ano sem ter consolidado o processo de alfabetização, ou seja, sem saber ler ou escrever. Com um estudo aprofundado foi possível analisar o por que esse fato estava presente na realidade de uma escola pública municipal de Malhada.

Através de uma pesquisa de campo, com auxílio do instrumento da entrevista semiestruturada foi possível destacar que um dos principais motivos na visão dos professores, coordenação e direção para que a alfabetização não aconteça foi a falta de apoio da família, pois a família são os primeiros professores e quem os ensinam os valores a ser seguidos, sendo assim os pais se tornam os principais incentivadores para que aconteça a escolarização, mas atualmente, ouve uma inversão de valores, onde a família deixa toda a responsabilidade de educar seus filhos com a escola, e acreditam que sua responsabilidade seria apenas fornecer material escolar e mandar seus filhos para a aula.

Considerando os resultados obtidos, pode-se perceber que as dificuldades de aprendizagem não devem ser responsabilizadas apenas a

fatores externos como a família. Pode-se associá-la a fatores internos, como por exemplo a falta de materiais didáticos, os métodos de ensino e condições psicológicas do aluno.

Em meio ao estudo, foi possível perceber que para que se consolide a alfabetização, é necessário que haja uma gestão democrática na instituição escolar, onde direção, coordenação e professores, possam trabalhar em parceria para poder criar projetos que atraiam a participação dos pais no cotidiano da escola, onde os pais possam participar das decisões e da criação de projetos que tem como objetivos melhorar a educação de seus filhos.

Sendo assim podemos conceder ao professor, além de mediador o dever de sempre buscar métodos junto a equipe da gestão com o intuito de amenizar as dificuldades de aprendizagem. A escola necessita rever estrotes, colocando o aluno como foco e buscando metodologias que possam desenvolver a aprendizagem e na aquisição de conhecimento de forma igualitária e democrática, onde os alunos não se sintam excluídos.

O trabalho conseguiu atender todos os objetivos propostos e através desse trabalho foi possível ver a relevância que esse tema tem em sociedade e faz necessário que esse seja discutido em outras visões, para assim buscar uma solução para amenizar tais dificuldades. Deixando claro que não se tem uma solução a curto prazo, para que se amenize tais dificuldades que foram apresentadas ao longo desse estudo, é preciso que a escola construa uma gestão democrática onde o ensino aprendizagem seja responsabilidades de todos os envolvidos, professores, direção, coordenação e famílias.

REFERÊNCIAS

ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila VelhaES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

BAZANI, Letícia Valéria. **A alfabetização na nova base nacional comum curricular**. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos-2017/LetciaValriaBazani.pdf> último acesso em: 23 de novembro de 2018

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo. PAIM Marilane Maria Wolff **ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: UM POUCO DE HISTÓRIA**: disponível em: [file:///C:/Users/Fagner/Downloads/372-723-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Fagner/Downloads/372-723-1-SM%20(1).pdf) último acesso em 25 de novembro de 2018

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985

BRASIL, 2010 parecer **CNE/CEB Nº 11/2010** publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de quinta a oitava séries. I. Título. CDU: 371.214 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> último acesso em: 20 de novembro de 2018

BUNZEN, Clecio. **Ensino de Língua Portuguesa**. 2017. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ensino-de-lingua-portuguesa> último acesso em 25 de novembro de 2018

CARRAHER, T.N.; SCHLIEMANN, A.D. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

CORTELLA, Mario S. **Educação x Escolarização**: Entrevista, 2014, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=FNEN3eJ8_BU último acesso em: 29 de novembro de 2018

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educar nos novos tempos requer coragem, humildade e paciência**. Entrevista 2016.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educar para transformar**. Revista Filosofia. Conhecimento Prático. Editora Escala. Site UOL. 26/08/2008. Por Acesso em: 18/11/2013. Fonte: <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/20/entrevista-mario-sergiocortella-151931-1.asp>

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Márcio Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24ª ed. Atual. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1986.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**. Caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Fagner/Downloads/Col%20Alf.Let.%2008%20Metodos_didaticas_a_lfabetizacao.pdf último acesso em: 23 de novembro de 2018

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora. 1991

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática de Liberdade**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5ª edição, São Paulo: Cortez, 2001

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

KISHIMOTO, Tisuko M. (org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KISHIMOTO, Tisuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KREPPNER, K. (2000). **The child and the family: Interdependence in developmental pathways**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000100002&lng=en&tlnq=en último acesso em 29 de novembro de 2018
MAINARDES, Jefferson. (2009). A escola em ciclos: fundamentos e debates. São Paulo: Cortez. (Questões de nossa época, 137)

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf> último acesso em: 23 de novembro de 2018

MEDEIROS, Adriana Francisca de. **IV colóquio internacional de políticas e práticas curriculares diferença nas políticas de currículo o processo de alfabetização por crianças das camadas populares João Pessoa - PB - BRASIL 10 A 13 DE NOVEMBRO DE 2009** Disponível em: <https://docplayer.com.br/6182412-O-processo-de-alfabetizacao-por-criancas-das-camadas-populares.html> último acesso em 25 de novembro de 2018

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil: Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994.** São Paulo: Ed. UNESP: Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000; e _____. Educação e letramento. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf último acesso em 25 de novembro de 2018

NIDELCOFF, M. T. **Uma escola para o povo.** 16ª ed. Editora Brasiliense, 1983.

PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, P. **Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar.** Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PIAGET, J. **Problema de psicologia genética.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PINHEIRO; Maria do Socorro Dias **Políticas e práticas curriculares na educação ribeirinha e o processo de alfabetização da infância, nas águas tocantinas: ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.3, n.2, pp.563-577, 2011 ISSN 1983-1579** <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec> 563 Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/9666/5254> último acesso em 25 de novembro de 2018

PIRES, Douglas. **A formação do professor, a prática reflexiva e o desenvolvimento de competências para ensinar.** 3 de agosto de 2006 disponível em: <http://universidadebrasil.edu.br/portal/a-formacao-do-professor-a-pratica-reflexiva-e-o-desenvolvimento-de-competencias-para-ensinar/> acessado em: 26 de setembro de 2018

SALMÓRIA, Hildebrando dos Santos. **A ação pedagógica nos processos do ensino e da aprendizagem, na alfabetização: implicações e desafios IX ANPED SUL Seminario de pesquisa em educação da região Sul 2012.** Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/683/221> último acesso em 25 de novembro de 2018

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Estudos Temáticos. Florianópolis: loesc, 2005.

SOARES, M. **Letramento e escolarização**. In: UNESP. Cadernos de formação: alfabetização. São Paulo: UNESP, 2004. p.79-98.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: Como Ensinar. Ernani F. da F. Rosa (Trad.). Porto Alegre: Artmed. 1998.

APÊNDICE 1

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: *as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores nos processos de ensino e aprendizagens da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental do curso de pedagogia*, onde o objetivo é discutir sobre os principais problemas e dificuldades, na perspectiva dos professores, sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, especialmente na produção escrita, de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que não consolidaram o processo de alfabetização em uma instituição pública no Município de Malhada.

O Projeto tem a orientação da Prof.^a. Ireuda Mourão Faculdade de Educação da UnB-UAB e tutora-orientadora da Pedagogia UnB-UAB Ana Cristina Rodrigues Pereira.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução n°. 466 do Conselho Nacional de Saúde e Resolução PPGE UnB n°. 12 sobre Ética em Pesquisa em Educação. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os pesquisadores terão conhecimento dos dados.

O senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Agradeço a sua disposição em participar desta pesquisa.

Fagner Oliveira Guedes

Outubro de 2018.

APÊNDICE 2**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA****AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Prezado (a),

Sou estudante do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade de Brasília – UnB e para a obtenção do título de graduada em pedagogia estou realizando uma pesquisa sobre: *A participação da Família na Escola de Educação Infantil*

Em hipótese alguma você será identificado. Os dados aqui coletados serão usados apenas para fins acadêmicos.

Agradeço sua colaboração e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Fagner Oliveira Guedes

APÊNDICE 3

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O DOCENTE

1. Identificação dos participantes

- A. Quantos anos a senhora têm?
- B. Qual a sua formação? Possui pós-graduação? Em que?
- C. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- D. Há quanto tempo você está em sala de aula?

2. Sobre a pesquisa

- A. Professora, presenciamos alunos que cursam o quinto ano nessa instituição, mas que apresentam dificuldades na consolidação do processo de alfabetização. Quais as dificuldades em trabalhar a língua portuguesa, especialmente a produção da escrita com estes alunos?
- B. Professora, qual a metodologia de estudo utilizada em sala de aula com os alunos que apresentam dificuldades de leitura e escrita?
- C. Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Qual a sua percepção sobre esse tema?
- D. Professora quais os incentivos recebidos pela coordenação, para amenizar as dificuldades encontrada em sala de aula?
- E. Quais são os projetos elaborados na escola para mudar esse triste quadro que os alunos se encontram?
- F. Na sua opinião, por que as crianças chegam no quinto ano sem ter consolidado o processo de alfabetização?

- G. Que tipo de atividades essas crianças do quinto mais gostam de fazer na escola?
- H. Como são avaliadas as crianças nesta escola?
- I. Quais seus desafios e dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da escrita?

APÊNDICE 4

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O
COORDENADOR**

1) Identificação dos participantes

- A. Quantos anos a senhora têm?
- B. Qual a sua formação? Possui pós-graduação? Em que?
- C. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- D. Há quanto tempo você atua como coordenador?

2) Sobre a pesquisa

- A. Coordenador, presenciamos alunos que cursam o quinto ano nessa instituição, mas que apresentam dificuldades na consolidação do processo de alfabetização. Como a coordenação está agindo para poder auxiliar o professor em sala de aula?
- B. Quais os projetos criados na instituição para poder auxiliar e incentivar a leitura e escrita na escola?
- C. Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Qual a sua percepção sobre esse tema?
- D. A escola tem projetos para incentivar a família a acompanhar o desenvolvimento do aluno na escola?
- E. Você já participou de formação continuada na Secretaria de Educação que trate da consolidação do processo de alfabetização? Descreva o tipo de formação.

F. Quais os desafios e as dificuldades no trabalho com os professores quando se refere a este problema da consolidação do processo de alfabetização no quinto ano?

APÊNDICE 5

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O DIRETOR

1) Identificação dos participantes

- A. Quantos anos a senhora têm?
- B. Qual a sua formação? Possui pós-graduação? Em que?
- C. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- D. Há quanto tempo você atua como diretor da instituição?

2) Sobre a pesquisa

- A. Qual o papel da direção para auxiliar o professor em sala de aula nas dificuldades encontrada na alfabetização?
- B. Qual o modelo de gestão que a direção utiliza para poder gerenciar a instituição escolar? A gestão incentiva o apoio da família na escola?
- C. Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Qual a sua percepção sobre esse tema?
- D. A gestão incentiva a vinda da família para a escola? Como é esse processo?
- E. Qual o investimento da Secretaria de Educação para resolver este problema das dificuldades de consolidação da alfabetização dos estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental?

ANEXOS

APÊNDICE 3

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O DOCENTE

3. Identificação dos participantes

- A. Quantos anos a senhora têm? 40 anos
- B. Qual a sua formação? Possui pós-graduação? Em que? Licenciada em História, pós-graduada em história do Brasil e Afrodescendentes, Alfabetização e letramento, Gestão pública.
- C. Há quanto tempo você trabalha nesta escola? Ah 2 anos
- D. Há quanto tempo você está em sala de aula? Tenho 14 anos em sala de aula. Em 2002 com educação de jovens e adultos, em 2003 com crianças e adolescentes em uma turma multiseriada com alunos do jardim I até a extinta 5ª série, durante alguns anos.

4. Sobre a pesquisa

- A. Professora, presenciamos alunos que cursam o quinto ano nessa instituição, mas que apresentam dificuldades na consolidação do processo de alfabetização. Quais as dificuldades em trabalhar a língua portuguesa, especialmente a produção da escrita com estes alunos? Uma das principais dificuldades é a falta de materiais e a pouca participação dos pais. Por isso procuro trabalhar com metodologias lúdicas e interdisciplinares, por interação e participação. Dialogando sempre para que os alunos possam compreender e transmitir com clareza seus conhecimentos, tendo autonomia em suas opiniões.

- B. Professora, qual a metodologia de estudo utilizada em sala de aula com os alunos que apresentam dificuldades de leitura e escrita?

Procuro desenvolver minhas aulas de acordo com o nível de cada aluno, desenvolvendo atividades, leituras e interpretação de diferentes tipos e gêneros textuais, estimulando a participação dos alunos, incentivando o diálogo e ouvindo sempre o educando para compreender qual proposta desperta interesse nos educandos.

- C. Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Qual a sua percepção sobre esse tema?

As mudanças tinham como objetivos e perspectivas de melhorias na qualidade de ensino, mas vejo que na realidade dessa escola tais perspectivas não se desenvolveram, na verdade aconteceu o inverso, alunos que passam sem o mínimo de conhecimento exigido acabam tendo mais dificuldades em seu desenvolvimento nos anos seguintes.

- D. Professora quais os incentivos recebidos pela coordenação, para amenizar as dificuldades encontrada em sala de aula?

Na perspectiva de amenizar essa situação a coordenadora, em parceria com os professores vem buscando alternativas para poder mudar essa realidade, elaborando projetos interdisciplinares que busquem buscar a atenção do aluno e da família para a escola.

- E. Quais são os projetos elaborados na escola para mudar esse triste quadro que os alunos se encontram?

O projeto que tem mais destaque foi o “Esporte na Escola” onde os alunos participam de um campeonato de futsal, envolvendo alunos e famílias em busca da educação, para participar do campeonato de jogos os alunos tem que ter uma média pré-definida nas unidades escolares. Tal projeto vem diminuindo o número de médias insatisfatórias.

Temos também projetos que buscam trabalhar a leitura e escrita em sala de aula, nesse projeto é utilizado a interdisciplinar, onde trabalhamos a leitura e escrita não apenas nas aulas de português, mas em todas os componentes curriculares.

- F. Na sua opinião, por que as crianças chegam no quinto ano sem ter consolidado o processo de alfabetização?

Na realidade vivenciada em sala de aula, crianças e adolescentes enfrentam dificuldades com a escrita e leitura, acabaram

sendo analfabetos funcionais. A falta de parceria entre família e escola é um dos maiores agravantes dessa realidade, pais que querem que os filhos vão à escola, mas não fazem o acompanhamento, deixam a responsabilidade para os professores, eles abrem mão do compromisso de ajudar no desenvolvimento de seus filhos, deixando de cumprir seu papel como família.

G. Que tipo de atividades essas crianças do quinto mais gostam de fazer na escola?

Na minha percepção eles gostam de atividades esportivas, campeonatos, desafios, passeios. Gostam também quando trabalho áudios e imagens através de vídeos e músicas ou filmes, sendo assim busco por meio de atividades lúdicas buscamos a atenção do educando para a escola.

H. Como são avaliadas as crianças nesta escola?

São avaliadas na forma qualitativa e quantitativa, dependendo da participação e do desempenho de cada aluno.

I. Quais seus desafios e dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da escrita?

O maior desafio a se enfrentar é a falta de materiais para poder trabalhar de maneira lúdicas, devido a esses motivos acaba dificultando na criação de metodologias de ensino para que o educando possa desenvolver sua escrita de uma maneira mais prazerosa. A falta de apoio da família vem agravando um pouco mais dessa situação, pois passamos atividades para casa, mas os educandos trazem sem responder, muito por falta de apoio dos pais.

A atuação dos pais é de suma importância, vejo os alunos que tem acompanhamento da família, apresentam um melhor rendimento em sala de aula.

APÊNDICE 4

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O COORDENADOR

3) Identificação dos participantes

- A. Quantos anos a senhora têm? 36 anos
- B. Qual a sua formação? Possui pós-graduação? Em que? Graduada em Licenciatura em Biologia, pós-graduada em psicopedagogia e coordenação pedagógica.
- C. Há quanto tempo você trabalha nesta escola? 13 anos
- D. Há quanto tempo você atua como coordenador? 8 anos

4) Sobre a pesquisa

- A. Coordenador, presenciamos alunos que cursam o quinto ano nessa instituição, mas que apresentam dificuldades na consolidação do processo de alfabetização. Como a coordenação está agindo para poder auxiliar o professor em sala de aula? No início do ano letivo foi realizado o diagnóstico inicial das turmas, para identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos dentro desta perspectiva realizamos planejamentos e formações com os professores com intuito de subsidiar e buscar estratégias, intervenções que contribuem para o desenvolvimento do aluno, por meio do diálogo compartilhado com experiências em relação as necessidades diagnosticadas.
- B. Quais os projetos criando na instituição para poder auxiliar e incentivar a leitura e escrita na escola? Foi criado o projeto de “Leitura e Oralidade” para incentivar os alunos no processo de leitura, escrita e oralidade. No decorrer do projeto que tem duração anual, os alunos participam de

eventos onde trabalhamos com oralidade, apresentações, produção de escrita e oral sobre a orientações dos professores. Dentro deste contexto os professores realizam as intervenções dentro de sala de aula.

- C. Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Qual a sua percepção sobre esse tema? Nesse processo de ensino aprendizagem, nos três anos iniciais que devem assegurar a alfabetização e o letramento dos educandos. Mesmo diante do que é proposto é necessário primeiramente o empenho da equipe escolar e dos educandos. Na elaboração da metodologia que proporcionem uma aprendizagem diversificada, criativa, que explore as diversas forma de aprendizagem. Embora, sabemos que cada aluno tem suas potencialidades e dificuldades de aprendizagem, porém nem todos os alunos ao passar por essa etapa conseguem ter um bom desenvolvimento dentro e proposto da trajetória escolar deste ciclo.
- D. A escola tem projetos para incentivar a família a acompanhar o desenvolvimento do aluno na escola? A parceria família e escola é de suma importância no contexto escolar. Para ampliar a participação da família na escola os nossos encontros são por serie/ano onde podemos dialogar com a família sobre o desenvolvimento de cada aluno.

Temos também o “esporte na escola” tem duração anual, o objetivo promover a participação da família, e resgatar toda a comunidade, incentivar o esporte. Vale lembrar que o projeto foi elaborado por professores, alunos, coordenadora, pais e Diretora. Desta forma foram criados critérios que incentiva a aprendizagem dos alunos.

- E. Você já participou de formação continuada na Secretaria de Educação que trate da consolidação do processo de alfabetização? Descreva o tipo de formação.

Sim, a formação abordava a consolidação do processo de alfabetização, onde os coordenadores enfatizaram sobre as unidades

escolares. Desta forma houve um debate entre as equipes com trocas de experiências.

- F. Quais os desafios e as dificuldades no trabalho com os professores quando se refere a este problema da consolidação do processo de alfabetização no quinto ano?

Ao observar os alunos do 5^o ano, nota-se que alguns alunos apresentam níveis de aprendizagem bastante diversificados em relação à série, isto dificulta o trabalho do professor embora sabemos que os alunos possuem saberes diferenciados.

Dentro desta abordagem a professora desenvolve um trabalho que busca atender essas necessidades, isto é um dos desafios encontrados.

APÊNDICE 5

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS
PROFESSORES NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS DA
ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O DIRETOR

3) Identificação dos participantes

- A. Quantos anos a senhora têm? 40 anos
- B. Qual a sua formação? Possui pós-graduação? Em que? Graduada em licenciatura em Letras, pós-graduação em curso.
- C. Há quanto tempo você trabalha nesta escola? 13 anos
- D. Há quanto tempo você atua como diretor da instituição? 1 ano e 9 meses.

4) Sobre a pesquisa

- A. Qual o papel da direção para auxiliar o professor em sala de aula nas dificuldades encontrada na alfabetização?

A direção procura sempre de maneira sucinta é claro estabelecer uma relação de cordialidade ajudando com materiais retirados da internet, esclarecendo e incentivando-os que sempre podemos fazer o nosso melhor dentro das possibilidades que nos é permitida.

- B. Qual o modelo de gestão que a direção utiliza para poder gerenciar a instituição escolar? A gestão incentiva o apoio da família na escola? Modelo de gestão democrática, incentivadora, com o apoio e participação da família no ambiente escolar.

- C. Sobre o parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 que recomendam, enfaticamente, que os três primeiros anos do

Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico. Qual a sua percepção sobre esse tema? Em teoria, é uma ótima metodologia onde o aluno não precisa se preocupar com notas, e se concentrar na aprendizagem, assim tendo um maior desenvolvimento. Mas na realidade isso não acontece, muitas crianças sem o devido acompanhamento da família, acabam não tendo um desenvolvimento esperado e acabam repetindo no final do ciclo.

D. A gestão incentiva à vinda da família para a escola? Como é esse processo? Sim. Através de convite formal e informal e sempre os esclarecendo da importância da família no ambiente escolar.

E. Qual o investimento da Secretaria de Educação para resolver este problema das dificuldades de consolidação da alfabetização dos estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental?

A secretaria da educação vem sempre buscando amenizar esses problemas através de palestras, formações com especialistas no assunto. Vem subsidiando o trabalho do professor com quites e obras que tratam do assunto. Para assim amenizar o problema.

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Certamente já ouvimos a frase, “*os alunos já são os mesmos*”, tendo isso em vista, questiono porque os professores ainda insistem em dar as mesmas aulas que planejaram a anos atrás, usando os mesmos métodos que se utilizavam a décadas. Atualmente vivemos em um mundo da informação rápida e acessível a todos. O professor já não é o centro do saber, não é o único portador do conhecimento, os alunos não são mais meros receptores de informação, o papel do professor mudou e hoje é fundamental que ele seja um mediador.

Acredito que o papel do professor não seja ensinar, pois temos a internet, os livros e demais meios de comunicações que facilita o aluno a obter conhecimento, o papel do professor é ajudar o aluno a pensar, despertar o espanto, desenvolver a curiosidade.

O professor deve perceber as limitações, rever os conceitos e acreditar que pode mudar e fazer a diferença na vida do aluno. O professor deve estar preparado para lidar com o desconhecido, com o novo. Devemos desenvolver os alunos dos por quês, alunos que questione, alunos que duvidem e sejam pesquisadores.

O professor necessita também aprender a ouvir, aprender a observar, aprender a ouvir o que está nas entre linhas, conhecer a realidade dos alunos, para assim poder buscar as melhores metodologias para desenvolver um o conhecimento do aluno.

Por fim o professor necessita desenvolver o trabalho em equipe, saber buscar ajuda na coordenação, saber que a família necessita ser presente nas decisões tomadas na escola em relação ao aprendizado dos educandos. Professor necessita entender que a educação só vai mudar se todos trabalharem com um mesmo objetivo.

Quando criança, não queria ser um professor e hoje vejo que não quero ser apenas um professor, quero ser um educador, um professor mediador, um professor reflexivo, quero desenvolver nos alunos a capacidade de pensar, de tomar decisões, capacidade pesquisar, filtrar informações, ajudar o aluno a ser um cidadão crítico e consciente.